

NARRATIVAS E AFRODESCENDÊNCIA: QUESTÕES PARA PENSAR A INTERCORPOREIDADE.

Maria Elizabete Sobral Paiva de Aquino

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte elizabete.paiva@ifrn.edu.br

Resumo: o artigo apresenta a noção da intercorporeidade tendo como aporte os estudos do filósofo e fenomenólogo Merleau-Ponty para se pensar a educação e as relações étnico-raciais. As narrativas se configuram como um percurso metodológico em que o sujeito e o pesquisador se entrelaçam nas unidades de sentidos ao desvelar as relações entre a cultura negra e as experiências vividas pela corporeidade. A educação urge em considerar os sujeitos, as suas culturas, os seus valores, como um corpo sensível que é atravessado pela historicidade, pelos afetos, pela cultura.

Palavras-chave: educação, relação étnico-racial, intercorporeidade, narrativas.

Introdução:

Eu tinha entre 17 e 18 anos, estava terminando o ensino médio e comecei a ver no facebook algumas meninas relatando que tinham passado pelo processo de transição e eu comecei a ver que eu também passava pelo mesmo processo, eu também tinha as mesmas questões, foi aí que eu comecei a me reconhecer negra. O processo de reconhecimento pelo cabelo foi muito complicado, eu alisava o meu cabelo desde os 7 anos de idade. Dos 7 até os 17/18 não parei de alisar. Quando decidi foi muito difícil, eu tinha que sair e estava com duas texturas no cabelo, eu chorava, me arrumava, me maquiava, mas o cabelo estava muito feio, então eu prendia o tempo todo. Foram seis meses e confesso que durante esse processo tive vontade de desistir e voltar a alisar novamente, mas segui em frente com a minha decisão. Meu cabelo era grande, mas aí foi em fevereiro, era carnaval e eu decidi cortar o cabelo. Foi muito doloroso, a mulher cortava e eu chorava, ela perguntava se queria que ela parasse de cortar, mas eu mandei continuar. O processo é muito dolorido, não é só o cabelo, mexe muito com a gente, com a auto-estima, eu dizia que não ia sair por causa do cabelo, é muito complicado mesmo. Depois dessa fase, é muito bom, hoje eu sei quem eu sou, é muito bom para a auto-estima. A gente se vê de verdade, vê o mundo de outra forma. Foi um processo de liberdade, eu nem sabia que não tinha liberdade. Ah, eu também queria falar uma coisa; antes de cortar o cabelo eu estava usando o rastafári e sofri menos preconceito do que com o cabelo curto. Aí eu acredito que é porque mulher tem que ter cabelo grande, e aí meu rastafári era grande, minha família aceitou melhor, é mais difícil quando o cabelo é curto. (Excerto da narrativa 1: Samita, 19/05/17).

Este trecho da narrativa refere-se ao depoimento de Samita, uma das jovens participantes da pesquisa em andamento, sobre a relação ao pertencimento afrodescendente e de como podemos dialogar com a “intercorporeidade”, a partir do pensamento filosófico e fenomenológico de Maurice Merleau-Ponty. A sua fala aponta a sua experiência vivida, narrando os fatos, acontecimentos e afetos que percorreram esse processo de auto reconhecimento da sua trajetória vivencial. Ao desvelar dados e apontamentos, essa estudante universitária, constrói e reconstrói sua experiência, através da linguagem. Ao contá-la, ela compartilha seu mundo vivido, que nos sensibiliza e nos coloca como participantes da sua experiência.

Assim, esse texto vai deslindando aspectos do outro que também nos pertencem. O texto tem como principais objetivos dialogar com a fenomenologia de Merleau-Ponty a partir das

narrativas das entrevistadas e realçar as questões afrodescendentes como urgentes na atual educação brasileira. Perceber o entrelaçamento entre corpo e cultura afro nos faz refletir sobre questões que ainda são pouco contextualizadas no âmbito da educação. Pensar que as questões de Samita podem habitar o universo de várias adolescentes brasileiras, propomos então interrogar: como podemos ressignificar o corpo negro na educação por um viés fenomenológico? Como analisamos a intercorporeidade?

A fenomenologia da percepção proposta por Merleau-Ponty (2006) é compreendida na experiência. A incerteza, o acaso e a dúvida fazem parte do processo. Nós precisamos nos vincular ao tempo presente e dar sentido a ele. Partimos da nossa percepção buscando reaprender a ver o mundo, reaprender a ver o outro em uma relação corpórea. “É justamente meu corpo que percebe o corpo de outrem, e ele encontra ali como que um prolongamento miraculoso de suas próprias intenções, uma maneira familiar de tratar o mundo” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 474). Esse autor ainda complementa que o meu corpo e o corpo de outrem são um único todo, o verso e o reverso de um fenômeno.

O corpo do outro anima-se diante de mim, seja um aperto de mão ou troca de olhares, é esse corpo que sente, que se excita e que faz-nos compreender a presença do outro. O toco-me tocante co-existem, mas o outro aparece como uma extensão dessa co-presença. Para Merleau-Ponty (1991), “ele e eu somos que os órgãos de uma única intercorporeidade” (MERLEAU-PONTY, 1991, p. 186). É a partir do meu corpo que posso compreender o corpo e a existência do outro, “se a co-presença de ‘minha consciência’ a e de meu ‘corpo’ se prolonga na co-presença do outro e de mim, é porque o ‘eu posso’ e o ‘outro existe’ pertencem desde já ao mesmo mundo” (MERLEAU-PONTY, 1991, p.194).

Ampliando as nossas reflexões sobre noção da intercorporeidade, dialogaremos também nesse texto com algumas interlocuções da obra de Merleau-Ponty como os apontamentos de Nóbrega (2015/2016) e Coelho Junior (2003/2010). Nóbrega (2016) se apoia na obra merleauPontiana “*La Nature*”, para ancorar a corporeidade e a estesiologia em uma filosofia da carne, que é o sentir, como uma abertura de nós mesmos a uma oposição de representações conscientes. Nessa obra, *La Nature*, Nóbrega indica que há um deslocamento de uma fenomenologia para uma ontologia do ser bruto ou selvagem, transpassado pela expressividade do corpo. “A carne diz nossa humanidade pelo corpo e nossa especificidade por sua fragilidade” (NÓBREGA, 2016, p. 81).

Ainda em conformidade com os pensamentos de Nóbrega, essa autora, estudiosa da obra merleau-pontiana, assinala que há uma inerência, um quiasma entre carne e mundo em que os fenômenos da linguagem e da expressão ganham novos contornos ontológicos. Merleau-Ponty (2000) aponta que a intercorporeidade é a relação entre corpos-coisas e a penetração dos sensíveis pelo corpo, “as coisas como aquilo que falta ao meu corpo para fechar o circuito” (MERLEAU-PONTY, 2000, p. 352). Para esse autor, o corpo é uma totalidade aberta aos outros corpos, pois um corpo é constituído pela corporeidade dos outros corpos.

Corpo estesiológico, noção fundada por Merleau-Ponty, compreende o corpo que se move e que deseja. Um corpo que sente e que atribui sentidos aos acontecimentos, um corpo como potência transformadora, um corpo inventivo, criativo e expressivo por meio da linguagem, da comunicação e da expressão. Um corpo como carne do mundo que é entrecortado pela historicidade, pela cultura, pelos símbolos, pela linguagem, pela experiência vivida.

Coelho Junior (2003), traça contribuições da filosofia fenomenológica ao estudo psicológico da alteridade. Ele aponta que a filosofia fenomenológica caracterizou-se pelo estudo do conceito e da experiência da intersubjetividade, considerando a experiência da alteridade. Esse estudioso sinaliza três sentidos da intersubjetividade; o primeiro é a ideia da comunhão ou uma fusão interpessoal entre os seres, o segundo sentido é sobre os domínios da linguagem, que atravessa os estudos da intercorporeidade. O terceiro sentido é pela empatia.

A educação brasileira e a afrodescendência

Eu não lembro que idade eu tinha, mas era uma peça sobre o sítio do picapau amarelo, e aí tinha duas meninas que queriam participar, eu e outra, aí eu queria ser a Narizinho ou a Emilia. Mas a professora não deixou e disse que eu tinha que ser a Tia Anastácia. Nossa, eu fiquei muito triste, eu não entendia, por que eu tinha que ser Tia Anastácia, se eu sou uma criança? Mas a professora disse que eu ia ser a Tia Anastácia e ela ia procurar outra criança para ser a Narizinho. Isso me marcou muito. (...) Quando eu era criança, não lembro de a escola falar sobre etnia, até porque na minha sala mesmo, só tinha eu da minha cor, o resto eram brancos. Era para mim que sempre soltavam piadinhas: cabelo de bruxa...Hoje na Universidade vejo que as pessoas falam mais sobre etnia e vemos mais meninas empoderadas. Pausa... Existe muito racismo no Brasil e existe também por pessoas que são negras. (Samita, 19/05/17).

Nesse trecho da narrativa de Samita, ela recorre a uma experiência na educação fundamental, na cidade de Touros, no interior do Rio Grande do Norte. Pela sua fala identificamos lacunas no ambiente escolar que naturaliza e homogeniza as relações étnico-raciais. Poderíamos elencar vários questionamentos sobre a ausência do diálogo da escola, da professora com a turma e principalmente com a aluna. Por que Samita, sendo criança e negra, não poderia atuar com o papel

da Narizinho ou Emilia? Qual a interferência da professora ao escutar as piadinhas que os colegas faziam para a aluna? Por que o próprio negro nega a sua etnia? Por que a escola não realizava ações sobre a influência da cultura de matriz afro na população brasileira? Por que não havia um diálogo sobre a estética da beleza? Enfim, poderíamos realizar inúmeras questões, porém, sabemos que a cultura dos afrodescendentes foi execrada ao longo da experiência histórica, social e cultural. Apesar de estarmos no século XXI e acompanharmos muitos avanços iniciados pelas resistências políticas que os movimentos sociais e grupos étnicos interpelam a sociedade brasileira, ainda há muito a fazer, a questionar, a dialogar, a sensibilizar.

Pelo longo período que a escravidão assolou o Brasil, percebem-se as marcas racistas que perduram até hoje, socialmente e historicamente os negros sofrem pelo preconceito e discriminação social. Gomes (2003) revela a responsabilidade que a escola enquanto Instituição social deve ter nessa organização, transmissão e socialização do conhecimento e da cultura, pois compreende um espaço em que as representações negativas sobre o negro são difundidas e que estas questões devem ser superadas. Essa autora aponta a necessidade dos educadores compreenderem como os povos foram compartimentados em categorias no contexto do racismo e como esse fenômeno impede o processo de construção de uma escola democrática.

Coaduno com o pensamento de Gomes ao ressaltar que os educadores devem ter um posicionamento ético, estético e político nas suas práticas pedagógicas ao abordar a cultura negra, pois esta faz-se presente no modo de vida do brasileiro, seja qual for seu pertencimento étnico. As lacunas presentes na comunidade escolar acerca dessa abordagem repercute em sujeitos que foram fragmentados e em autoestimas destruídas. Gomes aponta que a cultura negra possibilita aos negros a construção de um “nós”. Refletindo sobre essa afirmação, nos dá a pensar a noção da reversibilidade da carne¹, da carne pensada como mundaneidade, como alteridade.

Ressignificar o corpo negro, dialogar sobre o que é a beleza, discutir sobre as imposições estéticas na cultura brasileira a partir da cultura eurocêntrica², dialogar sobre os movimentos negros de resistência política, perceber como as políticas afirmativas transitam nos espaços educativos, cobrar a obrigatoriedade da Lei 10.639/03, fomentar reflexões sobre as contribuições culturais herdadas da cultura negra, apreciar filmes e documentários que possam ampliar a capacidade de percepção do mundo, experimentar práticas corporais de origens religiosas afro-brasileiras, estudar

¹ Noção fenomenológica encontrada nas escrituras de Merleau-Ponty (1971).

² Vale ressaltar que a partir do século XV construiu-se um padrão hegemônico de beleza e proporcionalidade baseados na Europa colonial.

a História da África e compreender o processo da diáspora e da fragmentação dos sujeitos trazidos para o Brasil. Esse é um dos caminhos possíveis para a discussão sobre a cultura negra na educação.

Metodologia

Ter selecionado apenas mulheres para essa primeira reflexão não foi em vão, a mulher negra no Brasil ainda vive sob uma dupla discriminação social, por vivermos em uma sociedade machista e racista como alerta Munanga e Gomes (2006). A partir de 1960, percebe-se um movimento de resistência das mulheres negras em diferentes lugares do Brasil, com tendências, concepções políticas e atuação diversificada. Participantes de Organizações Não Governamentais (ONG's) tem realizado várias denúncias contra o racismo, seja em cursos, palestras, eventos e debates com temáticas variadas: educação sexual, saúde produtiva, doenças sexualmente transmissíveis, direitos humanos, educação, entre outros.

Para descrever e analisar as experiências de vida de negras brasileiras, poderíamos ter nos detido em artistas, cantoras, escritoras, líderes de movimentos sociais, líderes de religiões afro-brasileiras, professoras, entre tantas mulheres que são referências nessa luta pelo respeito, dignidade e reconhecimento. Porém é no contexto de meninas/mulheres, ex-alunas do ensino médio técnico/integrado do IFRN que iremos dialogar, uma realidade tão próxima de tantas outras meninas que estão cursando o ensino médio e sofrem com tantas demandas sociais.

Neste texto apresentamos duas narrativas de ex-alunas do ensino médio que se disponibilizaram a compartilhar suas experiências com objetivo de poder contribuir para que outras jovens secundaristas possam refletir, pensar, se sensibilizar e serem arrebatadas pelo poder simbólico da corporeidade negra, da resistência política, do empoderamento pela cultura de matriz Afro e pela liberdade emancipatória de Ser em uma sociedade machista e racista.

As narrativas sinalizam um caminho metodológico percorrido em encontro ao que Benjamin (2012) as trata. Elas revelam horizontes de sentidos em uma perspectiva fenomenológica e existencial, pois se relacionam as experiências de vida com a educação, com a história, com a liberdade. Ao mesmo tempo que as jovens desvelam suas experiências, elas vão sendo construídas e reconstruídas pela linguagem, pela memória, pelo sensível. Nessa relação quiasmática entre quem narra e quem escuta, há um entrelaçamento que é intercorporal, fazendo do pesquisador um sujeito dessa experiência.



O pesquisador existe na experiência do outro e nessa relação ele repensa sua atuação no mundo, seja como professor, pesquisador, ser humano. Dutra (2002) aponta que a escolha de um método fenomenológico se torna adequado quando a investigação da experiência do outro deixa de ser somente em relatar as experiências desse sujeito, mas de significar “uma forma de existir com-o-outro; significa com-partilhar o seu ser-com-o-outro” (DUTRA, 2002, p. 377). Os depoimentos foram gravados, transcritos e literalizados. Após esse momento, eles foram comentados e interpretados, a partir dos horizontes de significados que se apresentavam na experiência narrada e como produto das reflexões feitas pelo pesquisador na sua trajetória de vida pessoal e profissional, apoiadas numa ótica existencial da condição humana.

Samita, natural de Touros (RN), 22 anos. Coursou o ensino médio no IFRN, campus João Câmara, lá se formou em técnica em Informática. Atualmente faz o curso de biblioteconomia na UFRN e é bolsita no setor de comunicação da rádio da mesma Universidade. Convidar Samita para participar desse diálogo, incide sobre um relato feito por ela nas redes sociais há uns três anos sobre o empoderamento que ela obteve a partir do momento em que assumiu os seus cabelos cacheados. Ao ler aquele relato podemos perceber a força que a voz, pela própria experiência, poderia ajudar outras meninas para se reconhecerem e se emanciparem.

A convidamos para dialogar sobre as suas experiências no seu percurso escolar e propomos algumas questões abertas para ela pensar, porém sem uma sequência linear: Quando você se reconheceu negra? O que lhe motivou a se expor nas redes sociais? Que experiências escolares você poderia descrever? Como você percebe o racismo no Brasil? Você se considera empoderada? Para você, o que é a beleza negra? Como você acha que podemos sensibilizar os jovens para o universo da cultura negra?

A sua narrativa estava carregada de emoção, que era significado pela voz e gestos. Ela compreende que a beleza negra é única e fez várias mudanças no seu estilo de vida além do processo da transição do cabelo (alisado/cacheado), mas em relação aos acessórios e as roupas que passou a usar. Ela inclui nesse processo a pesquisa que realizou em relação a cultura negra; as cores, as estampas, aos modelos e afirma se sentir mais bonita e feliz. Em relação à escola ela acha que atualmente os professores saibam lidar melhor com as questões do racismo, devido a tantas Leis e Políticas Públicas estabelecidas nos últimos anos. Paralela a narrativa de Samita, recorreremos a outra estudante, com novas experiências e relações da sua corporeidade no mundo.

Nem sei afirmar quando foi, mas vamos lá. No Brasil o racismo é mascarado. Eu nunca alisei o cabelo, mas tinha muita vontade, pois quando fazia o ensino fundamental, todas as meninas tinham o cabelo liso, só eu com o cabelo cacheado. Por isso que eu sempre prendia o cabelo. Pausa.... Na época do concurso todas as candidatas foram entrevistadas por uma repórter da TV bandeirantes e a primeira pergunta que a repórter fez me pegou de surpresa. – Sempre foi seu sonho ser Miss? Eu parei e não sabia o que ia responder, eu disse que não. Hoje pensando sobre isso, posso falar “nenhuma menina negra sonha em ser miss, pois ela não faz parte do padrão”. Eu ainda sou alta, mas se eu fosse baixinha e negra do cabelo cacheado não teria tido essa oportunidade do concurso. Acho que o que me deu força para assumir a minha condição foi o empoderamento pelo cabelo. Quando era aluna do IFRN, sempre usava o cabelo preso, depois fiz umas mechas de azul. Quando entrei na faculdade, cortei o cabelo no ombro e deixei eles soltos, apareceram os cachos. Por que você sabe que tem também todo um padrão de cachos, né? Os cachos mais aceitos pela beleza são os cachos definidos, parecendo com os baby liss. Há uma escala de cabelo cacheado, vai de 2 a 4. Existe uma tendência de politizar o cacheado. (ALEXIA, 17/05/17).

Trecho da narrativa de Alexia, também, ex-aluna do IFRN. A reencontrei nas redes sociais participando de um concurso de beleza, Miss Ceará-Mirim. Percebi que o seu perfil tinha muitos seguidores e que as fotos que ela compartilhava jorrava de comentários e curtidas. A convidamos para uma entrevista, em uma manhã ensolarada no IFRN, campus Ceará-Mirim. Atualmente ela tem 19 anos de idade, é casada, mora na cidade de Ceará-Mirim, cursa Licenciatura em Biologia na UFRN e está no 3º período. Ela ficou em terceiro lugar na classificação geral do concurso e no dia da premiação ela lançou uma provocação para a plateia, desfilou com uma faixa com a seguinte escritura “Despadronize-se”. Para iniciar a conversa, fiz a proposição de algumas questões: Quando você se reconheceu negra? O que a motivou para participar do concurso? Como ela percebia a beleza negra em uma sociedade que preza pelo padrão de beleza eurocêntrico?

O empoderamento pelo cabelo, o reconhecimento da negritude pelos cachos, a alegria em compartilhar as suas experiências e em pensar que essa atitude pode motivar outras meninas a repensar a sua existência. Nas reflexões de Gomes (2003) sobre o corpo como expressão da cultura negra, ela salienta que o racismo transforma as diferenças inscritas no corpo em marcas de inferioridade e o cabelo crespo é um dos elementos para retirar o negro do lugar da beleza.

Gomes avança na sua pesquisa trazendo o processo histórico, a partir do século XV, da manipulação do cabelo como um condutor de mensagens na maioria das sociedades africanas ocidentais. Fundamentada em estudos antropológicos, o cabelo era integrante de um sistema de linguagem, assim, o cabelo para as sociedades africanas tinha um grande significado social e indicava o estado civil, a origem geográfica, a idade, a religião, a identidade étnica, a riqueza e a posição social das pessoas.

Há uma força simbólica do cabelo para os africanos que continua de maneira recriada e ressignificada entre nós, seus descendentes. Gomes ratifica que no Brasil percebe-se intervenções estéticas desenvolvidas pelas cabelereiras étnicas, seja pelas tranças, pelos penteados rastafári ou pelos cabelos *black power*, mas, sempre presenciados em grupos segregados. Porém, a partir da realidade na escola, percebemos essas intervenções ainda tímidas, ainda vistas com um pouco de estranhamento. Essa autora ressalta que recolher as práticas culturais ligadas aos penteados pode se configurar em um estudo transdisciplinar que envolve a história, a geografia, a arte, a estética e a cultura negra.

Resultados

A pesquisa encontra-se em andamento, outras estudantes estão sendo entrevistadas, outras experiências estão sendo narradas, outras unidades de sentidos estão sendo elencadas. Até o momento podemos desvelar que a força da narrativa e da escuta nessa relação dialógica e sensível se desdobra para o mundo, se desnuda, se transforma e se revela, tanto para as depoentes quanto para a pesquisadora.

Resistência política, empoderamento, estética, liberdade, cultura negra...esses são alguns horizontes de sentidos que vão sendo desvelados a partir do mundo vivido das depoentes. Na narrativa de Samita encontramos a experiência do processo de reconhecimento de uma ancestralidade negra omitida pela família, ancestralidade que teve como referência o poder dos cabelos cacheados e que através deles, a fez refletir sobre a sua corporeidade no mundo, inundada de significados.

Durante o processo de transição, do abandono dos cabelos alisados para os cabelos cacheados, esta depoente passa por momentos de incerteza sobre a sua beleza, sobre o seu ser; “depois dessa fase, é muito bom, hoje eu sei quem eu sou, é muito bom para a autoestima” (Samita). Os cabelos cacheados a fizeram também questionar o mundo que a rodeia, a perceber como a sociedade se relaciona com as questões dos negros e principalmente como ela se relaciona consigo mesma; “a gente se vê de verdade, vê o mundo de outra forma. Foi um processo de liberdade, eu nem sabia que não tinha liberdade” (Samita).

Em alguns momentos percebemos que as narrativas das depoentes tem convergências pontuais, ao levarmos as nossas reflexões para o campo da educação, podemos destacar o quanto o corpo negro é invisibilizado na escola, que as influências culturais de matriz afro não alcançam um

limiar de diálogos que façam as estudantes se questionarem e se reconhecerem como participantes de uma cultura diversa e plural. As duas consideram o Brasil um país de um racismo mascarado em que o negro tem poucas oportunidades, mesmo considerando as ações das políticas afirmativas nos últimos quatorze anos.

As duas depoentes utilizam as redes sociais como veículo midiático para as suas reflexões, nos seus perfis, elas compartilham relatos, fotografias e eventos que possam provocar outras pessoas em relação a cultura negra. A experiência de Alexia no concurso de miss no município de Ceará-Mirim/RN sensibilizou muitas pessoas, durante o processo seletivo, essa candidata socializava as fotografias que eram selecionadas pela comissão organizadora. O seu perfil, entre as candidatas, foi o que mais recebia comentários e curtidas, esse fato chamou a atenção da comissão que percebeu a potência de ter uma negra no concurso.

Conclusão

Ressignificar o corpo negro na educação fenomenologicamente implica em reaprender a ver o mundo a partir do tempo presente, dando sentido para ele, pois é esse corpo que sente e percebe que faz-nos compreender a presença do outro. Além das narrativas de Samita e Alexia, estudantes universitárias, a pesquisa está analisando as narrativas de outras dez meninas, estas, estudantes do ensino médio. Essas meninas aceitaram o convite e compõem “o grupo dos cachos”³. Elas participam de diversas ações no interior da escola (mesa de debates, exposição fotográfica, oficina de pluralidade cultural, grupo de estudos e pesquisa - NEABI⁴) e fora dela (projeto de extensão Cineduc⁵).

É perceptível o ambiente quiasmático entre carne e mundo que foi estabelecido entre a pesquisadora e estas meninas, desde o posicionamento político diante do mundo, como ao processo criativo e inventivo que se transforma a cada dia, seja por meio da linguagem, da comunicação e/ou da expressão.

³ Essas meninas formaram um grupo no *whatsapp*, veículo social de informações sobre a cultura negra, troca de informações sobre sites, links e livros de autores que trabalham com a temática relacionada com a educação.

⁴ Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas do IFRN. Núcleo composto por professores, estudantes, representantes de movimentos sociais e líderes de comunidades.

⁵ Projeto que relaciona o corpo, o cinema e a educação. Acontece a sessão fílmica com debate uma vez por mês no Laboratório Ver do Departamento de Educação Física da UFRN.

Desenvolver uma consciência crítica e emancipada, possibilitar ao estudante posicionar-se diante do mundo, sensibilizar estesiologicamente os estudantes com e a partir do outro, construir um “nós”, objetivos que desencadeiam novas reflexões, que possam alicerçar a continuidade da pesquisa.

Referências

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura.** Tradução Sergio Paulo Rouanet – 8ª Ed.revista – São Paulo: Brasiliense, 2012.

COELHO JUNIOR, N. Psicologia USP, 2003, Vol. 14, Nº 1, 185-209. **Da intersubjetividade a intercorporeidade:** contribuições da filosofia fenomenológica ao estudo psicológico da alteridade.

_____. Revista Brasileira de Psicanálise. Vol. 44, nº 1, 51-60, 2010. **Da intercorporeidade a corporeidade:** elementos para uma clinica psicanalítica.

DUTRA, Elza. Revista Estudos da Psicologia. 2002, 7(2), 371-378. **A narrativa como uma técnica de pesquisa fenomenológica.**

GOMES, N. Cultura negra e educação. *In: Revista Brasileira de educação* 2003, p. 75-85.

MERLEAU-PONTY, M. **Signos.** Tradução Marina Ermantina Galvão Gomes Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

_____. **O visível e o invisível.** Tradução: José Artur Gianotti e Armando Mora d'Oliveira. São Paulo: Editora Perspectiva, 1971.

_____. **A Natureza:** notas: cursos no Collège de France; texto estabelecido e anotado por Dominique Séglaard; Tradução Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

MUNANGA, K.; GOMES, N. **O negro no Brasil de hoje.** São Paulo: Global, 2006.

NÓBREGA, T. Petrucia. **Corporeidades...inspirações merleau-pontianas.** Natal: IFRN, 2016.